

MARIA LÚCIA DE BARROS MOTT

Pesquisadora em História

# A CRIANÇA ESCRAVA NA LITERATURA DE VIAGENS

## RESUMO

A partir da análise de cerca de 80 obras cujos autores estiveram no Rio de Janeiro entre 1800 e 1850, são destacados, do contexto geral da sociedade escravocrata da época, os dados referentes à situação da criança negra, seja como "mercadoria" recém-importada da África, seja como fruto da reprodução da população já escravizada. A transcrição de trechos de relatos dos viajantes europeus revelam, em toda sua crueza, as condições em que eram mantidas as crianças, seu relacionamento com a mãe, com os patrões, com o trabalho e o valor que possuíam enquanto "mercadoria".

## SUMMARY

The article analyses about 80 books written by european travelers who visited Rio de Janeiro between 1800 and 1850. Data about the condition of the black child are detached from the general background of the slavocrat society, including the imported slave child as well as the children born from enslaved mothers. The traveler's descriptions reveal, in a cruel way, the conditions endured by slave children, their relationships with their mothers and owners, their value as labor force and as a "merchandise".





Este trabalho faz parte de uma pesquisa financiada pela Fundação Carlos Chagas que vem sendo realizada, em colaboração com Miriam L. Moreira Leite, sobre a mulher, na obra dos viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. As obras foram selecionadas a partir da bibliografia de Paulo Berger (Berger, 1964), obedecendo a um critério previamente estabelecido — cronológico, de assunto e de idioma — e um circunstancial: muitos livros foram descartados sem sequer terem sido vistos, por terem desaparecido dos acervos das bibliotecas. Inicialmente, foram levantadas todas as obras cujos autores estiveram no Rio de Janeiro (Província e Cidade) entre 1800 e 1850, que foram escritas ou traduzidas para o português, inglês, francês, italiano e espanhol e que faziam menção à mulher. Chegou-se assim a um número aproximado de oitenta obras. Deste número foi levantado o material sobre a criança.

Para uma discussão mais detalhada da utilização dessas fontes, veja-se "Documentação e Metodologia", em anexo.

logo após sua publicação.

A utilização dessa literatura de viagens como fonte de documentação<sup>1</sup> já foi legitimada pelos historiadores; porém, sua utilização de maneira acrítica por parte de alguns estudiosos tem perpetuado, entre nós, concepções preconceituosas repetidas infinitamente e que só agora estão sendo revistas, como a da suavidade da escravidão no Brasil e a escravidão como um veículo de civilização.

## A CRIANÇA AFRICANA NO BRASIL

Dois aspectos chamam a atenção na leitura dos relatos dos viajantes que estiveram no Rio de Janeiro entre 1800 e 1850. O primeiro deles refere-se às modificações por que a cidade passou e seu reflexo no estilo de vida das camadas abastadas; o segundo, à presença constante do escravo.

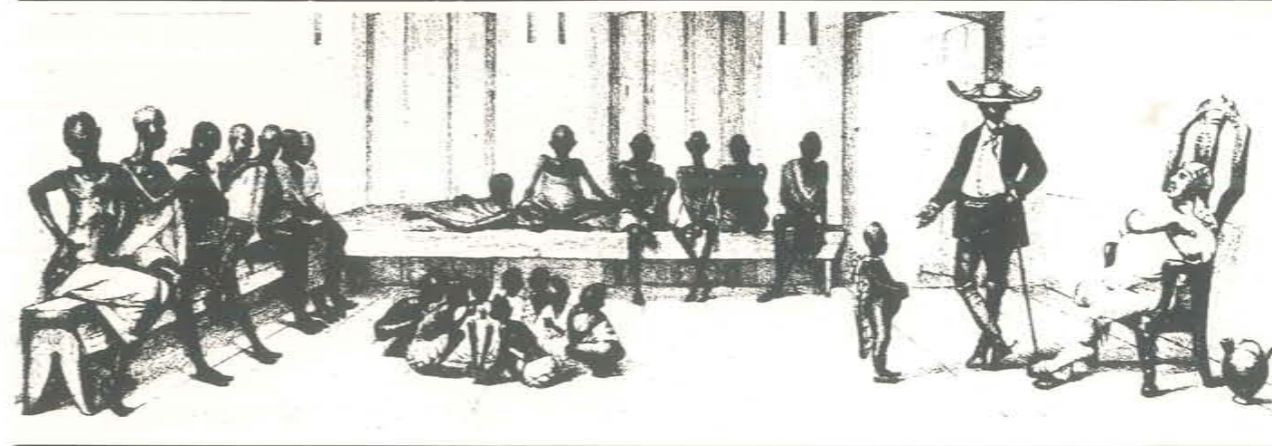
Nestes cinquenta anos, o trabalho escravo predominava tanto no meio rural como no urbano. A demanda da mão-de-obra servil era suprida mais pela importação de africanos que pela reprodução natural da população escrava. O crescimento vegetativo dos escravos era pequeno, devido, entre outras coisas, à maior proporção de homens do que de mulheres (principalmente no meio rural), à baixa fertilidade das escravas e à alta taxa de mortalidade dos filhos dos escravos. A maior parte das crianças encontradas no Rio de Janeiro, no período, era, portanto, proveniente da África (Karash, s.d.).

Até 1831, quando foi fechado o mercado de escravos do Valongo (destinado aos escravos recém-chegados da África), são freqüentes os relatos e as ilustrações de crianças aí colocadas à venda:

Ebel (1824)<sup>1</sup>

"Logo que chegam os navios negreiros — ocorrência freqüente — os escravos são desembarcados e depois que se restabelecem relativamente da viagem, no geral curta, lá são expostos para serem vendidos. Há dias fundeuo um com 250 negros, na maioria crianças de dez a quatorze anos, que, acocorados nesses galpões em filas de três, pelo chão, assemelhavam-se mais a macacos, dando mostra por sinal, de bom humor e satisfação, embora repelentes no aspecto e depauperados (...)" (Ebel, 1972, p. 42).

<sup>1</sup> As datas entre parênteses que precedem as citações referem-se ao período em que o viajante esteve no Brasil.



Mesmo no período de ilegalidade do tráfico (a partir de 1831 até aproximadamente 1852, quando passou a vigorar de fato a Lei Eusébio de Queirós), em que prevaleceu o contrabando, foram encontradas referências à venda de meninos e meninas.

Lavollée (1844)

"Après une traversée d'environ cinq heures, nous mîmes pied à terre au fond d'une baie, derrière le fort Santa-Cruz (...). C'était là qu'avait été déposée une partie de la cargaison du négrier. Dès notre arrivée, toute la maison fut en mouvement (...) on nous introduisit dans un jardin ou une vingtaine de jeunes noirs de huit à douze ans étaient rangés en ligne, les filles à part: la traite aussi semblait avoir sa pudeur (...)" (Lavollée, 1852, p. 36)<sup>2</sup>.

A preferência pela importação de escravos jovens e mesmo de crianças pode ser explicada pela maior facilidade com que se adaptavam ao trabalho, pela perspectiva de uma vida mais longa e portanto de trabalho por mais tempo, pela diferença entre o preço do escravo adulto e da criança, assim como pela crença, geralmente difundida entre os senhores de escravos, que os crioulos (escravos nascidos no Brasil) eram menos dóceis e menos ativos.

O carregamento dos navios negreiros era composto principalmente de escravos do sexo masculino. Não se

sabe ao certo se os africanos vinham acompanhados de seus familiares, apesar de algumas ilustrações do Valongo mostrarem mulheres amamentando crianças, possivelmente seus filhos.

São raros os viajantes que fazem distinção entre o negro recém-chegado, o escravo ladino<sup>3</sup> e o crioulo. Quando esta distinção é feita, nota-se uma tendência em ressaltar o aspecto "repugnante" e "selvagem" do africano recém-chegado em contraposição à "civilização" dos escravizados a mais tempo e principalmente, dos mulatos.

Tudo indica que a condição da criança africana no Brasil diferia daquela da criança crioula. A impossibilidade de se distinguir em muitos casos, uma de outra, neste tipo de documentação, fez com que elas fossem aqui consideradas por sua condição comum de escravas.

## A CRIANÇA ESCRAVA

A Santa Casa de Misericórdia possuía uma maternidade que, em 1816, atendia mulheres grávidas de todas as raças (Freycinet, 1825, p. 185, 19 v.). Pontoppidan afirma que em 1840 ela destinava-se às mulheres indigentes (Pontoppidan, s.d., p. 87). Em 1844, o Conde de Castelnau não encontrou no Rio de Janeiro nenhum hospital destinado exclusivamente às parturientes (Castelnau, 1949, p. 73, 19 v.). As crianças, brancas e negras, livres e escravas, nasciam em casa. As parteiras eram preferidas aos médicos. Algumas fazendas possuíam enfermarias para os escravos, que se destinavam igualmente às escravas que davam à luz.

<sup>2</sup> "Depois de uma travessia de perto de cinco horas nós aportamos no fundo de uma baía, atrás do forte de Santa Cruz (...). Era lá que estava depositada uma parte da carga do traficante de escravos. Desde nossa chegada, toda a casa ficou em movimento (...) nos introduziram em um jardim onde duas dezenas de jovens negros de oito a doze anos estavam em fila, as meninas à parte: o tráfico também parecia ter seu pudor (...)" (As traduções apresentadas em notas de rodapé são da Autora).

<sup>3</sup> Ladino (...) "dizia-se do escravo ou do índio que já falava português, tinha instrução religiosa e sabia fazer o serviço ordinário da casa ou dos campos" (...). (Ferreira, 1975, p. 819).



Adalberto da Prússia (1842), nas proximidades de Cantagalo:

"Enquanto eu me entretinha com as senhoras da casa, meus companheiros aproveitaram a oportunidade para irem ver o alojamento dos escravos, que ficava numa comprida e suja construção de um só piso que exteriormente tinha uma grande semelhança com uma cavalaria. No Lazareto, que viram primeiro, encontraram enfermarias, como os quartos também, separados para ambos os sexos. Uma negra estava deitada em sua esteira de junco amamentando o seu negrinho a quem dera à luz a noite anterior. 'Dentro de dois dias voltará ao trabalho', disse o Doutor ao Conde de Bismark, a quem devo este relato (...)" (Adalberto da Prússia, 1977, pp. 85-86).

A razão da alta mortalidade das crianças escravas é apresentada como sendo resultado da volta ao trabalho da escrava parturiente num espaço de tempo curto: cerca de três dias.

Saint-Hilaire (1815-1822):

"(...) Quando teve início a campanha da abolição da escravatura, o governo ordenou aos proprietários de Campos que casassem seus escravos; alguns obedeceram a essa determinação, mas outros responderam que seria inútil dar maridos às negras porquanto não seria possível criar seus filhos. Logo após os partos essas mulheres eram obrigadas a trabalhar nas plantações de cana, sob o sol abrasador, e, quando após afastadas de seus filhos durante parte do dia, era-lhes permitido voltar para junto deles elas levavam-lhes um aleitamento defeituoso; como poderiam as pobres crianças resistir às cruéis misérrimas com que a avareza dos brancos cercava seus berços? (...)" (Saint-Hilaire, 1974, p. 201).

A maneira pela qual as escravas amamentavam e carregavam seus filhos deve estar relacionada com as atividades que desempenhavam. Quando não havia quem cuidasse da criança, ela era incorporada ao trabalho executado pela mãe.

Schlichthorst (1825-1826):

"(...) Nada mais comum do que uma negra que carrega o filho às costas, amamentá-lo, dando-lhe o peito por cima do ombro ou por baixo do braço (...)" (Schlichthorst, 1943, p. 131).

Walsh (1828-1829), nas proximidades de Irajá:

"(...) In a large fallow, in the midst of this green amphitheatre, were from eighty to one hundred negroes of both sexes; some with infants strapped on their backs, in a rank, breaking up the ground for fresh crops with hoes (...)" (Walsh, 1830, p. 15, 2ª v.)<sup>4</sup>.

Kidder (1837-1840):

"(...) A cerca do meio do caminho entre este bairro e o centro, fica o das Laranjeiras. Límpido arroio saltita no

fundo de um precipício cavado nas fraldas do Corcovado. Passeando-se pelas margens podem-se contemplar inúmeras lavadeiras dentro d'água batendo roupa sobre as pedras que se sobrelevam à corrente. Muitas delas saem da cidade pela manhã, com enorme trouxa sobre a cabeça e voltam à tarde com toda ela lavada e enxuta. Em diversos lugares vêem-se pequenos fogões improvisados onde preparam as refeições e grupos de crianças brincando pelo chão, algumas das quais, já grandinhas, correm atrás das mães. As menores, porém, vão penduradas à costa das escravas sobrecarregadas com a mala de roupas (...)" (Kidder, 1972, p. 97).

Ewbank (1846):

"As jovens pretas minas e moçambiques são as mais numerosas, sendo consideradas como as mais espertas vendedoras. Muitas delas levam consigo também uma criança, que prendem às suas costas por meio de uma faixa amarrada ao redor da cintura. Entre o pano e o seu corpo, a criança aninha-se e dorme. Quando acorda, espia curiosamente para fora como andorinha implume, espreitando pela beirada do tinho. Para proteger a criança contra o sol, a negra coloca uma jarda de tecido de algodão na parte de trás da caixa que leva sobre a cabeça: o pano serve como cortina e conforme seus movimentos atua também como uma espécie de leque" (Ewbank, 1976, p. 80).

Nas proximidades de Macacu:

"Nesta fazenda fazem-se tijolos e telhas em grande quantidade. Sob um telheiro estavam negras jovens e maduras, quase completamente nuas, só com uma tanga, e algumas com crianças presas às costas, inclinadas sobre bancos e pondo o barro em moldes, e tendo os braços e as pernas cobertas e as faces marcadas por ele" (Ewbank, 1976, p. 276).

A relação entre o senhor e a criança escrava, até cerca de cinco ou seis anos, é muitas vezes descrita pelo viajante como sendo afetuosa. Ewbank, visitando uma fazenda nas proximidades de Macacu, encontrou um senhor viúvo que tinha uma criança sentada em seus joelhos e outras brincando ao seu redor (Ewbank, 1976, p. 274). Cena semelhante foi descrita pela Baroneza de Langsdorff (1842-1843):

"Mon mari m'a quittée pour aller aux Orgues passer trois jours. J'ai dîné chez Mme de Saint-Georges. Après dîner nous sommes descendues dans son jardin; elle s'est arrêtée dans sa course. Les petits nègres ont criés pour se promener avec elle: elle a été maternellement les caresser, a appelé une négresse, a fait mettre une chemise à ceux qui n'en avaient pas, a fait laver les mains de ceux qui les avaient sales, me demandant si je voulais bien attendre" (...)" (Langsdorff, 1954, p. 107)<sup>5</sup>.

Mme Langsdorff notou que esta relação afetuosa conhecia um limite. As crianças eram obedientes e não se misturavam quando não tinham permissão para tal, mesmo em divertimentos tão irreverentes como o entruído.

Para Debret (1816-1831), as crianças eram consideradas como espécies de bichinhos domésticos:

"(...) os dois negrinhos, apenas em idade de engatinhar e que gozam, no quarto de dona da casa, dos privilégios do pequeno macaco, experimentam suas forças na esteira da criada (...)" (Debret, 1978, p. 186, 1ª v.).  
"No Rio, como em todas as outras cidades do Brasil, é costume, durante o "tete-à-tete" de um jantar conjugal, que o marido se ocupe silenciosamente com seus negócios e a mulher se distraia com os negrinhos que substituem os doguezinhas, hoje quase completamente desaparecidos na Europa. Esses molecotes mimados até a idade de cinco ou seis anos, são em seguida entregues à tirania dos outros escravos que os domam a chicotadas e os habitam assim a compartilhar com eles das fadigas e dissabores do trabalho" (Debret, 1978, p. 195, 1ª v.).

A idade de cinco a seis anos parece encerrar uma fase na vida da criança escrava. A partir desta idade ela aparece desempenhando alguma atividade. Das obras levantadas para a primeira metade do século XIX, talvez seja a de Debret aquela que apresenta um maior número de crianças escravas trabalhando. Algumas aparecem exclusivamente nas pranchas, outras são acompanhadas por texto.

No meio rural, as mulheres e as crianças desempenhavam frequentemente a mesma tarefa, como por exemplo descascar mandioca, descaroçar algodão e arrancar ervas daninhas.

Mawe (1807-1811), a caminho de Cantagalo:

"(...) Alguns filhos dos negros brincavam, outros de idade mais avançada, ajudavam as mulheres a descaroçar algodão, e os homens ralavam e preparavam mandioca" (...)" (Mawe, 1978, p. 92).

Nas ilustrações, os meninos aparecem, em geral, carregando alguma coisa: guarda-chuva, trouxa de roupa, velas para pagar promessas do dono, etc. Eram eles ainda



que levavam os recados (daí a expressão moleque de recado), ou que faziam pequenas compras e buscavam encomendas.

Debret (1816-1831):

"Um negrinho de casa rica acaba de encher um saco com uma provisão de pão para seus senhores, enquanto um moleque e uma negra compram o pãozinho de vintém indispensável para o almoço" (Debret, 1978, p. 352, 1ª v.).  
"(...) O negócio (venda de pão-de-ló) é tanto mais interessante quanto as famílias brasileiras são em geral numerosas. A venda nas ruas não é menos lucrativa, pois sequer o negrinho enviado a recado de manhã deixa de tirar do dinheiro que lhe é confiado o vintém necessário à aquisição de pão-de-ló (...)" (Debret, 1978, p. 342, 1ª v.).

As meninas são representadas carregando as coisas da senhora ou cuidando de crianças.

"(...) Neste momento ela se ocupa com fazer assar espigas de milho na brasa; já uma negrinha, encarregada de passear com um negrinho, come uma dessas guloseimas que acaba de comprar para passar o tempo agradavelmente (...)" (Debret, 1978, p. 247, 1ª v.).

Os filhos pequenos do dono da casa muitas vezes possuíam escravos para o seu serviço particular. Esses escravos eram, em certas casas, mais novos do que aqueles a que serviam.

"A mulata representada aqui é da classe dos artífices abastados. Sua filhinha abre a marcha conduzindo pela



mão um negrinho, bode espiatório a seu serviço particular (...)" (Debret, 1978, p. 164, 2ª v.).

O séquito de escravos que acompanhava a saída do senhor e sua família, nos passeios, nas visitas, nas idas à igreja e que acompanhava a menina da casa quando ia à escola, simbolizava a abastança do chefe de família e reproduzia a hierarquia social. Como afirma Debret, o cortejo de escravos em fila indiana caiu em desuso no período final da sua estada, em 1831 (por volta de meados do século, as mulheres já davam o braço aos cavalheiros, durante os passeios). Enquanto perdurou o costume do cortejo, as crianças escravas eram colocadas em último lugar na fila, sendo que as crianças escravas, nascidas no Brasil, antecediam as recém-chegadas da África.

Caldcleugh (1819-1821):

"(...) At an early hour the household prepares for church, and marches, almost without exception, in the following order: first, the master, with cocked hat, white trowsers, blue linen jacket, shoes and buckles, and a gold headed cane; next follows the mistress, in white muslin, with jewels, a large white fan in her hand, white shoes and stockings; flowers ornament the dark hair: then follow the sons and daughters; afterwards a favourite mulatto girl of the lady, with white shoes and stockings, perhaps two or three of the same rank; next, a black mórdomo, or a steward, with a cocked hat, breeches and buckles, next blacks of both sexes, with shoes and no stockings, and several others without either; and two or three black boys, little incumbered with clothes, bring up the rear" (Caldcleugh, 1825, p. 64, 1ª v.).<sup>6</sup>

No serviço doméstico, a criança escrava tinha ainda outras tarefas como por exemplo ajudar na cozinha, servir à mesa, buscar água.

Meninos e meninas escravas eram empregados na venda de mercadorias.

Debret (1816-1831):

"(...) Perto deste e da porta pequena da venda, outro negro, orgulhoso da linha vermelha traçada na testa, adquire um pacote de polvilho a um pequeno vendedor de nove a dez anos; em cima uma negra dispõe-se a vingar com um limão, um punhado de polvilho que lhe cobre o olho" (Debret, 1978, pp. 301-302, 1ª v.).<sup>7</sup>

Em algumas profissões, principalmente naquelas relacionadas aos ofícios mecânicos, os escravos eram iniciados desde pequenos. Debret apresenta, em uma prancha sobre os barbeiros, um menino girando mó de afiar navalha (Debret, 1978, p. 211, 1ª v.). Os meninos também participavam da banda de música dos barbeiros, como mostra a ilustração de Ewbank (Ewbank, 1976, p. 192).

A alfabetização dos escravos, segundo Walsh, não era, em geral, desejada por seus proprietários. Talvez

acreditassem que eles fariam mal uso dela (Walsh, 1839, p. 438, 1ª v.); aliás, a mesma justificativa utilizada para explicar a pequena atenção dada à instrução feminina. Luccock, em sua última descrição do Rio de Janeiro, enumera algumas transformações ocorridas na cidade, dentre elas o aumento do número de escolas. Transcreve um anúncio saído na Gazeta do Rio de 9 de julho de 1814, onde um morador na Rua do Lavradio oferecia-se para ensinar a ler, escrever, contar, etc. "a quem quiser mandar as suas filhas, e as suas crias e escravas"<sup>8</sup> (Luccock, 1820, p. 567).

A partir da leitura dos relatos de viagem não se pode afirmar que as crianças brancas ou negras, livres ou escravas apanhassem de seus pais. Quando os castigos corporais são descritos aparecem exclusivamente na relação senhor/escravo (adulto e criança).

Walsh (1828-1829)

"Immediately joining our house was one occupied by a mechanic, from which the most dismal cries and moans constantly proceeded. I entered the shop one day, and found it was occupied by a saddler, who had two negro boys working at his business. He was a tawny cadaverous-looking man, with a dark aspect; and he had cut from his leather a scourge like a Russian knout, which he held in his hand, and was in the act of exercising on one of the naked children in a inner room; and this was the cause of the moans and cries we heard every day, and almost all day along" (Walsh, 1830, p. 355, 2ª v.).<sup>9</sup>

Os grilhões — máscaras, colar e correntes de ferro — eram usados em escravos de qualquer idade.

Debret (1816-1831):

"(...) Sendo ainda criança o escravo, o peso da corrente é de apenas 5 a 6 libras, fixando-se uma das extremidades no pé e outra a um cepo de madeira que ele carrega à cabeça durante o serviço (...)" (Debret, 1978, p. 344, 1ª v.).

Para livrar os filhos, os irmãos, e a si próprios da escravidão, os escravos não raro recorriam à fuga, ao suicídio e ao assassinato.

Walsh (1828-1829):

"This horror at slavery is carried to such an extent that they not only kill themselves, but their children to scape it. Negresses are known to be remarkably fond mothers (...) yet this very affection often impels them to commit infanticide. Many of them, particularly the Minas slaves, have the strongest repugnance to have children, and practise means to extinguish life before the infant is born, and provide, as they say, against the affliction of bringing slaves into the world" (...)" (Walsh, 1830, p. 349, 2ª v.).<sup>10</sup>

Para obter a alforria de suas crianças, os escravos convidavam, muitas vezes, uma pessoa de influência pa-



ra padrinho, a fim de que pela compra, lhe fosse assegurada a liberdade.

Rugendas (1821-1825):

"Há, no Brasil, para muitos negros, um outro meio de conseguir a liberdade: é o costume que têm as negras de convidar gente de certa categoria para padrinhos de seus filhos, o que ninguém tem coragem de recusar, sem provocar um descontentamento geral. Tal incumbência, longe de diminuir, é encarada em virtude das idéias religiosas do povo e da influência do clero, como muito meritória. O pequeno escravo está quase assegurado da aquisição da liberdade pelo padrinho, o que é tanto mais fácil quanto o preço do negrinho é insignificante, raramente ultrapassa 60 a 80 piastras" (Rugendas, 1976, pp. 149-150).

<sup>6</sup> (...) desde cedo, as pessoas da casa se preparam para ir à igreja e andam, quase sem exceção, na seguinte ordem: primeiro, o dono da casa, com tricórnio, calças brancas, paletó azul de linho, sapatos e fivelas, e uma bengala de cabo de ouro; em seguida, a senhora de musseline branca, com jóias, um grande leque na mão, meias e sapatos brancos e flores ornamentando os cabelos escuros; a seguir, os filhos e filhas; depois a mulata favorita da senhora, com sapatos e meias brancas, talvez mais duas ou três da mesma condição; depois, o mordomo negro, com tricórnio, calças e fivelas; seguem ainda negros dos dois sexos, com sapatos e sem meias, e vários outros sem sapatos e sem meias; finalmente dois ou três meninos negros, pouco cobertos com roupas, fechando a marcha."

A ordem das pessoas, na fila, apresentada por Debret e Rugendas, é um pouco diferente. As crianças que já caminham sozinhas estão colocadas entre o pai e a mãe, as pequenas no colo de uma escrava que vai logo atrás da senhora. Quando o pai não é representado, as crianças abrem a marcha.

<sup>7</sup> Este texto faz parte do capítulo sobre o carnaval e tem uma prancha correspondente. O pequeno vendedor, de nove a dez anos, a que Debret se refere é, na ilustração um menino negro.

<sup>8</sup> Para Luccock, cria significa criada.

<sup>9</sup> A casa do lado da nossa era ocupada por um artífice. De lá ouviam-se constantemente os mais horríveis gritos e gemidos. Eu entrei na loja, um dia, e vi que o seleiro tinha dois meninos negros trabalhando para ele. Ele era um homem moreno de aspecto cadavérico e sombrio: tinha feito um acoite de couro como um azorrague russo, que segurava em sua mão e se exercitava, dentro de uma sala, em uma das crianças que estava nua; esta era a causa dos gritos e dos gemidos que ouvíamos todos os dias e quase o dia todo."

<sup>10</sup> "Este horror à escravidão é tão grande, que eles não só se suicidam como também matam seus filhos para escapar dela. As negras são conhecidas como sendo ótimas mães (...) mas este mesmo amor freqüentemente as leva a cometer infanticídio. Várias delas, sobretudo as negras Minas, tem a maior aversão a ter filhos e provocam aborto, precavendo-se assim, contra o desgosto de dar a vida a escravos."



despesas feitas com a criação. Em 1823, saiu um decreto que considerava as crianças da roda como órfãs e assim os filhos dos escravos seriam criados como cidadãos, gozando dos privilégios dos homens livres.

Contudo, na prática, isto nem sempre acontecia.

*Maria Graham (1821-1823):*

"Fui ao asilo de órfãos, que é também o hospital dos expostos. Os rapazes recebem instrução profissional em idade adequada. As moças recebem um dote de 200 mil réis que apesar de pequeno, as ajuda a estabelecerem-se e é muitas vezes acrescido por outros fundos. (...) Dentro de pouco mais de nove anos foram recebidas 10.000 crianças: estas eram dadas a criar fora, e de muitas nunca mais houve notícia. Não talvez porque todas tenham morrido, mas porque a tentação de conservar uma criança mulata como escrava deve, ao que parece, garantir o cuidado com sua vida (...) (Graham, 1956, p. 345).

Joaquim Manuel de Macedo, em *A Luneta Mágica*, faz o mesmo tipo de denúncia, acrescentando que muitos senhores utilizavam os atestados de óbito dos escravos mortos para os enfeitados, transformando estes últimos em escravos (Macedo, 1972, pp. 204-205).

Por volta dos doze anos as meninas e os meninos escravos eram vistos como adultos, no que se refere ao trabalho e à sexualidade.

*Rugendas (1821-1825), referindo-se às fazendas do clero:*

"(...) Até a idade de doze anos as crianças não são obrigadas a trabalhar; apenas limpam os feijões e outros cereais destinados à alimentação dos escravos ou cuidam dos animais, e executam pequeninos trabalhos domésticos. Mais tarde, as moças e os rapazes são encaminhados para os campos. Quando um menino mostra disposições especiais para determinado ofício, é-lhe este ensinado, a fim de que o pratique na própria fazenda" (...) *Rugendas (1825-1826).*

*Schlichthorst (1825-1826)*

"Doze anos é a idade em flor das africanas. Nelas há de quando em quando, um encanto tão grande que a gente esquece a cor. As negrinhas são geralmente fornidas e sólidas, com feições denotando agradável amabilidade, e todos os movimentos cheios de graça natural, pés e mãos plasticamente belos. Lábios vermelhos-escuros e dentes alvos e brilhantes convidam ao beijo. Dos olhos se irradia um fogo tão peculiar e o seio arfa em tão ansioso desejo que é difícil resistir a tais seduções. Até o digno Clapperton muitas vezes compartilhou as mesmas sensações que me assaltavam no momento, sem disso se envergonhar. Por que deverei eu me deixar influenciar pela soberba européia e negar um sentimento que não se originava em baixa sensualidade, mas no puro agrado causado por uma obra prima da criação? A menina que se achava à minha frente era, a seu modo, uma dessas obras primas da criação e, para ela eu me podia servir das palavras em inglês; "a beautiful negro lady" (*Schlichthorst, 1943, pp. 203-204.*)

Excluindo-se o trabalho e a sexualidade, em tudo mais os escravos eram considerados como crianças, crianças grandes, pelo resto da vida.

*Pfeiffer (1865)*

"Il n'y a pas d'école établie pour eux (nègres); ils ne reçoivent aucune instruction; en un mot, on ne fait rien pour développer leurs facultés intellectuelles. On les maintient à dessein dans une sorte d'enfance, suivant le vieil usage des États despotiques, car le réveil de ce peuple opprimé pourrait être terrible" (*Pfeiffer, 1865, p. 30*)<sup>11</sup>.

## A FAMÍLIA

Apesar de Schlichthorst afirmar que não se separava, na hora da venda, a escrava de seus filhos, parece ter sido norma não se respeitar os laços de parentesco (Schlichthorst, 1943, p. 135). Os horrores da separação de mãe e filho, a dissolução de famílias e a venda de filhos mulatos e escravos pelo pai, foram temas sobre os quais quase todos os viajantes escreveram, como também foram temas explorados por quase todos os escritores abolicionistas.

O relacionamento entre os sexos, a vida familiar, a moradia dos escravos eram regulamentados pelo proprietário. Mesmo na escolha do par para casamento, prevalecia a vontade do dono. O casamento era encarado pelo senhor sob dois prismas: como uma maneira de reter o escravo na propriedade evitando roubos e fugas ou como um estorvo, já que o casamento dificultava e até mesmo impossibilitava a venda de um dos cônjuges.

O proprietário, em geral, não encorajava o casamento entre os escravos. O negro era considerado um ser intermediário entre os homens e os animais, sem condição ou necessidade de casar-se.

*Yvan (1844) a caminho de Nova Friburgo:*

"— Ce que je fais de mes négresses? Mais je les emploie suivant le but de la nature; elles font des enfants. — Est-ce que chacune d'elles est pourvue d'un mari? repris-je.

<sup>11</sup> "(...) Não há escola para eles (negros), não recebem nenhuma instrução. Nada é feito para que eles desenvolvem as faculdades intelectuais. São deixados a sua própria sorte e mantidos numa espécie de infância, segundo o velho costume dos países despóticos, pois o despertar deste povo oprimido poderia ser terrível".

— *Donnez-vous dans un troupeau un bélier à chaque brebis et un bouc à chaque chèvre en légitime mariage? repartit le fazendeiro*" (*Yvan, 1853, p. 120*)<sup>12</sup>.

O que parece ter prevalecido eram as uniões ocasionais entre escravos e escravas e entre o senhor e as escravas.

*Debret (1816-1831)*

"Como um proprietário de escravos não pode, sem ir ao encontro à natureza, impedir aos negros de frequentarem as negras, tem-se por hábito, nas grandes propriedades, reservar uma negra para cada quatro homens; cabe-lhes arranjar-se para compartilharem sossegadamente o fruto dessa concessão, feita tanto para evitar os pretextos de fuga como em vista de uma procriação destinada a equilibrar os efeitos da mortalidade" (*Debret, 1978, p. 268, 19 v.*).

O escravo, como objeto de propriedade, não tinha direito a sua prole. Ela pertencia ao senhor. A escrava era vista como reprodutora, sobretudo de mulatos, já que o ventre materno determinava a condição do filho.

*Schlichthorst (1825-1826):*

"(...) A riqueza dessa gente modesta constava de uma casinha e de alguns negros, que trabalhavam na Alfândega. O capital crescia com um bando de moleques, de tempos em tempos aumentado pela extraordinária fertilidade das negras ou, como dizia a velha — pela benção do céu" (*Schlichthorst, 1943, p. 77.*)

*Lavollée (1844):*

"(...) Les nègres étaient plus âgés et plus robustes; ils paraissaient avoir beaucoup moins souffert de la traversée. Quelques négresses, dont l'âge promettait des mulâtres (c'est ainsi que s'exprimait le maître), se tenaient à l'écart et attendaient la visite comme des filles perdues (...) (Lavollée, 1852, p. 39)"<sup>13</sup>.

*Yvan (1844), nas proximidades do Corcovado:*

"— Vous arrivez à propos, docteur, on vient de m'amener Juana, ronde comme un coco! Elle dit qu'elle va accoucher, cette pécore!... Ou donc a-t-elle pu pecher cet enfant?..."

"(...) A cet âge, un accouchement peur la tuer, n'est-ce pas, docteur? Si du moins elle allait me donner un mulâtre! quoique plus méchants que ces canailles des nègres, ils sont plus intelligents, et, par le temps qui court, cela se vend mieux..." (*Yvan, 1853, p. 70*)<sup>14</sup>.

Isto resultou numa instabilidade familiar muito grande. O seu reflexo nos relatos talvez possa ser avaliado pela quase total ausência de dados sobre a relação entre o pai escravo e o filho e, entre irmãos escravos. A figura da mãe é a mais constante, porém só nos primeiros anos de vida da criança, enquanto ela dependia do seu cuidado. A mulher negra é vista pelos via-

jantes como sendo boa mãe e amorosa de seus filhos carnis<sup>15</sup>.

A relação entre o pai proprietário e seu filho escravo poucas vezes foi descrita como indo além da relação senhor/escravo e mereceu a reprovação dos viajantes, principalmente pelo não reconhecimento do filho pelo pai.

## A MERCADORIA

Se a perda dessa criança escrava dá à dona da casa a consolante esperança de um anjinho que por ela interceda no céu, sente-a também o senhor, privado de um capital de dois mil francos talvez, que representaria esse imóvel vivo" (*Debret, 1978, p. 203, 20 v.*).

A relação do senhor com as crianças pequenas de seus escravos foi descrita por vários viajantes como sendo afetuosa. A afetuosidade significa algumas regalias que não questionavam a relação senhor/escravo e devia estar relacionada à idéia de inocência da infância, pois acreditava-se que as crianças negras, como as brancas, transformavam-se em anjos depois de mortas. O que no entanto definia a relação entre o senhor e a criança escrava era o seu valor enquanto mercadoria.

Os filhos dos escravos sobreviviam com dificuldade. O preço de uma criança pequena é sempre mencionado como sendo uma ninharia. A alta taxa de mortalidade das crianças pode ser atribuída ao excesso de trabalho da mãe durante a gravidez e após o parto, à má alimentação da mãe e do filho e às precárias condições de higiene então existentes. As facilidades em se adquirir o escravo faziam com que se desse pouca atenção à reprodução natural.

<sup>12</sup> "— O que eu faço de minhas negras? Mas eu as emprego segundo a sua própria natureza: elas procriam.

— Cada uma possui um marido? perguntei.

— Costuma-se dar, um rebanho, um carneiro a cada ovelha e um bode a cada cabra em legítimo casamento? respondeu o fazendeiro".

<sup>13</sup> "(...) Os negros eram mais velhos e mais robustos. Eles pareciam ter sofrido bem menos na travessia. Algumas negras, cuja idade prometia mulatos (era assim que a exprimia o senhor) ficavam separadas e esperavam visitas como prostitutas (...)".

<sup>14</sup> "— O senhor chegou em boa hora doutor, acabaram de me trazer Juana, redonda como um coco! Ela diz que vai parir, esta besta!... Onde será que ela pescou esta criança!... (...) Um parto, a esta idade, pode matá-la, não é doutor? Se ao menos ela me der um mulato! Ainda que piores que esta corja de negros, eles são mais inteligentes e nos tempos atuais são vendidos mais facilmente (...)".

<sup>15</sup> Esta imagem contrasta com a indiferença em relação aos filhos atribuída à mãe indígena. (Ewbank, 1976, p. 199). Neste sentido seria importante verificar quais as origens do culto à mãe negra.



Não se pode negar, porém, que não tenha havido expectativa do proprietário em relação ao nascimento e à sobrevivência dos filhos de seus escravos. Walsh refere-se a uma lei que estabelecia ser alforriado o escravo que desse dez filhos ao seu senhor (Walsh, 1830, p. 342, 2º v.).

A preferência do proprietário parece ter recaído sobre as crianças mulatas pois eram consideradas mais inteligentes, preferidas para o serviço doméstico e obtinham melhor preço. Walsh observou, no entanto, que nas fazendas do clero, tomava-se o cuidado de preservar a cor escura dos escravos (Walsh, 1830, p. 352, 2º v.).

O maior ou menor cuidado do proprietário com a sobrevivência das crianças escravas parece estar relacionado com sua situação econômica. Para aqueles que possuíam poucos escravos e viviam do que eles ganhavam diariamente, a prole das escravas era vista como uma "benção dos céus". A impossibilidade, por falta de capital, de adquirir um escravo, parece ter levado a um maior cuidado com as crianças nascidas na casa. Para aqueles que possuíam um capital maior e precisavam de um escravo como força de trabalho imediata ou dentro do menor prazo possível, o investimento na mãe, pelo afastamento do trabalho por certo tempo, ou no filho, até que estivesse em idade de produzir, era talvez, visto como sendo oneroso.

Pode-se perguntar, ainda, se não teria havido uma modificação no tratamento dispensado às crianças quando ocorreu aumento do preço do escravo pela proibição do tráfico (1831) e pela expansão cafeeira no Vale do Paraíba.

Dois relatos da década de quarenta fazem menção a fazendas de criar escravos. Melchior Yvan, que esteve por cerca de um mês no Rio de Janeiro, diz a certa altura, ter pernoitado na casa de um fazendeiro de aspecto misterioso cujo vizinho lhe afirmou, mais tarde, tratar-se de um francês, que se dedicava a "l'élève du nègre" (Yvan, 1853, p. 127).

Ewbank, inglês radicado nos Estados Unidos, refere-se ao fato de ter encontrado em uma fazenda, nas proximidades de Macacu, dos Frades Carmelitas da Igreja da Lapa do Rio de Janeiro, principalmente mulheres e crianças. Seus donos achavam mais rendoso criar negros do que plantar café (Ewbank, 1975, p. 276).

Esta pesquisa tem como data limite 1850. Seria importante verificar se as condições de sobrevivência da criança escrava se modificaram nos anos que separam a extinção do tráfico (por volta de 1852) da Lei do Ventre-Livre (1871), para se poder avaliar o significado e o alcance da lei.

Vista à luz da condição da criança escrava, na primeira metade do século XIX, pode-se afirmar que, apesar da aura de benevolência e humanidade que cerca a Lei do Ventre-Livre, ela não foi fruto de uma modificação na maneira da sociedade encarar o escravo e sua família mas foi, antes, uma herdeira direta dos quatro séculos de escravidão. A pouca importância que a sociedade dava à família escrava está consubstanciada no corpo da própria lei.

## DOCUMENTAÇÃO E METODOLOGIA

A recuperação do material escrito e iconográfico deixado pelos viajantes é uma tarefa que está por se realizar. As bibliografias existentes limitam-se, via de regra, aos livros raros, excluindo os artigos saídos em jornais e revistas especializadas e os manuscritos. A localização dos livros de viagens requer uma pesquisa que extrapola os limites do Brasil e dos organismos oficiais, pois o valor comercial destes exemplares tornou-se objeto de rendosa especulação. Assim, o que existe arrolado é apenas um número aproximado daquilo que se escreveu sobre o Brasil.

A importância de um levantamento sistemático do material deixado pelos viajantes e a organização de bibliografia regionais reside na sua importância como fonte de documentação. Uma análise crítica em profundidade deste material abriria certamente novos ângulos de pesquisa assim como possibilitaria um novo dimensionamento do nosso passado.

Como fonte para o estudo da criança branca (brasileira e imigrante), negra, indígena e cigana, a literatura de viagens oferece importante contribuição e merece uma pesquisa detalhada. Os dados encontrados podem ser classificados em: nascimento, amamentação, alimentação, indumentária, educação, ocupação, divertimentos, instrução, religião, higiene e saúde, e ritos funerários.

Durante o levantamento dos dados sobre a criança escrava nos relatos de viagem, surgiram algumas dificuldades. A primeira delas refere-se à sua condição de escrava. Nem sempre foi possível se determinar a quem o viajante estava se referindo, se ao negro livre ou escravo; freqüentemente é omitida a condição jurídica do indivíduo e negro e escravo são usados como sinônimos. A distinção entre o escravo africano e o crioulo (nascido no Brasil) também raramente é feita. Menos do que invalidar a documentação, estes dados merecem ser avaliados e podem refletir, entre outras coisas, a situação social do negro livre e do escravo na sociedade brasileira.

A segunda dificuldade enfrentada refere-se à sua condição de criança. Nos textos de língua inglesa, al-

guns termos — como boy, girl, lad — são empregados para uma faixa etária bastante ampla. Quando não são acompanhados de idade, nem sempre foi possível se determinar a quem — se criança, jovem ou adulto — o autor estava se referindo.

As palavras rapaz, rapariga, moça, moleque, cria, brinquedo, ama e certos diminutivos (como por exemplo negrinho<sup>1</sup>) freqüentemente apresentavam problemas, tendo sido necessário, embora nem sempre possível, o confronto com o original.

As palavras cria e moleque dizem respeito à criança escrava. O significado que lhes é atribuído nos textos originais e nas traduções variou muito.

Atualmente, cria significa animal que ainda mama; criatura; pessoa em geral pobre criada em casa de outrem; pessoa ou animal procedente de determinado lugar (Ferreira, 1975, p. 401). No Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (1875-1888) de Antonio Macedo Soares, cria é o filho ou filha de escravo até mais ou menos 7 anos de idade; muleque ou muleca nascida na casa do senhor; produto dos animais de criação; etc. (Soares, 1954-5, p. 147). Para Luccock, comerciante inglês que esteve cerca de 10 anos no Brasil, entre 1808 e 1818, cria era a palavra então usada para criada (Luccock, 1975, p. 376). Ewbank, que visitou o Rio de Janeiro de janeiro a julho de 1846 diz que cria significava potro e se utilizava também para os filhos dos escravos (Ewbank, 1856, p. 283).

No dicionário de Aurélio Buarque de Holanda moleque é dado como sendo de origem quimbunda e significa negrinho; indivíduo sem palavra ou sem gravidade; canalha, patife, velhaco; menino de pouca idade, etc. (Ferreira, 1975, p. 943). No dicionário de Antonio Macedo Soares moleque é o filho de escravo até 21 anos; filho de negros até a maioridade; desprezível, sem consideração, coisa à toa; patife, maroto, tratante; gaiato, etc. (Soares, 1954-5, pp. 46-47, 2º v.).

Segundo Debret "o governo brasileiro havia determinado por meio de onze denominações utilizadas na linguagem vulgar a classificação geral da população brasileira a partir de seu grau de civilização". Moleque estava classificado em 8º lugar e significava negrinho de origem africana (Debret, 1978, p. 141, 1º v.). Para Ferdinand Denis, a palavra perdeu a sua conotação etária: negros moleques são negros que vieram da África (Denis, 1837, p. 112). Na tradução da obra de Schlichthorst (o original foi escrito em alemão), os meninos negros são chamados moleques, não sendo, portanto, feita menção à sua origem africana (Schlichthorst, 1943, p. 140). Para o dinamarquês Steen A. Bille, também consultado

através da tradução, moleque foi usado para rapaz escravo, recém-chegado da África (Bille, s.d., p. 20).

Nas traduções, a coerência interna do texto muitas vezes escapou ao tradutor e prevaleceu o hábito de se atribuir determinado significado a determinada palavra. Em alguns casos, no entanto, as palavras foram mal traduzidas:

"Neither age or sex is free from iron shackles (. . .) a few evenings ago, while standing on the balcony of a house in Custom — house Street, a little old negress, four fifths naked, toddled past, in a middle of the street, with an enormous tub of swill on her head, and secured by a lock and chain to her neck (. . .)" (Ewbank, 1856, p. 116);

e como foi traduzido:

"(. . .) Certa tarde, há alguns dias, quando me encontrava no balcão de uma casa na rua da Alfândega, uma negrinha com quatro quintos do corpo nu (. . .)" (Ewbank, 1976, p. 94);

ou ainda:

"Devant chaque groupe, on voit marcher un certain nombre d'enfants conduits par de moines (. . .)" (Denis, 1837, p. 134);

na tradução:

"(. . .) Diante de cada grupo vai certo número de meninos, que representam os anjos, vestidos de saíote. . ." (Denis, s.d., p. 237).

Nem sempre foi possível o confronto da tradução com o original, seja por dificuldade de localização da obra, seja pelo desconhecimento da língua original. Quando o texto na tradução não apresentou ambigüidade ou problemas de compreensão, optou-se por sua inclusão na pesquisa.

<sup>1</sup> Os diminutivos tanto podem significar tamanho pequeno, quanto pouca idade. Segundo Burmeister "negro era então (1850) um termo carinhoso, especialmente para crianças, sendo freqüente o pai chamar o filho de "meu negro" (Burmeister, s.d., p. 54).



## BIBLIOGRAFIA

- ADALBERTO DA PRÚSSIA, Príncipe. *Brasil: Amazonas - Xingu* (. . .); trad. de Eduardo Lima Castro. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1977.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1978.
- BERGER, Paulo. *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros (1531-1900)*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964.
- BILLE, Steen Andersen. *Relatório da Viagem em torno da Terra feita pela Corveta Galathea* (. . .); trad. Guttorm Hansen, datilograf. (Col. Particular Berger).
- BURMEISTER, Hermann. *Viagens ao Brasil* (. . .); trad. Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt. São Paulo, Livraria Martins Editôra S.A., s.d. (Biblioteca Histórica Brasileira).
- CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America* (. . .). London, John Murray, 1825. 2v.
- CASTELNAU, Francis. *Expedições às Regiões Centrais da América do Sul*; trad. Olivério M. de Oliveira Pinto. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1949. 2v. (Col. Brasileira, 5ª série, vol. 266).
- CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravatura no Brasil*; trad. de Fernando Castro Ferro. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, Brasília, I.N.L., 1975.
- DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*; trad. Sérgio Milliet. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1978. 2v.
- *Voyage pittoresque et historique au Brésil* (. . .); Paris, Firmin Dibot Frères, Éditeurs, 1834-1839. 3v.
- DENIS, Jean Ferdinand. *Brazil*; trad. portuguesa. Rio de Janeiro, H. Garnier Livreiro-Editor, s.d. 2v.
- *Brésil*. Paris. Firmin Dibot Frères, Éditeurs, 1837.
- EBEL, Ernest. *O Rio de Janeiro e seus arredores em 1824*; trad. de Joaquim de Souza Leão Filho. São Paulo, Ed. Nacional, 1972.
- EWBANK, Thomas. *Life in Brazil* (. . .). London, Sampson Low, 1856.
- *A vida no Brasil*; trad. Jamil Almansur Haddad. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1976.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FREYCINET, Louis-Claude D. *Voyage autour du monde* (. . .). Paris, Chez Pillet Ainé, Imprimeur-Libraire, 1825.
- GRAHAM, Maria. *Diário de uma viagem ao Brasil* (. . .); trad. Américo J. Lacombe. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1956 (Brasiliiana, série 5ª, vol. 8).
- KARASCH, Mary Catherine. *Slave life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Tese (Doutoramento) — Univ. of Wisconsin, mimeo.
- KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens* (. . .); trad. de Moacir N. Vasconcelos. São Paulo, Martins, EDUSP, 1972. 2v.
- LANGSDORFF, E. Barone de. *Journal de La Barone E. de Langsdorff* (. . .); (s.l.), Les Amis des Musées de la Marine, 1954.
- LAVOLLÉE, Charle-Hubert. *Voyage en Chine* (. . .). Paris, Just Rouvier, 1852.
- LUCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro* (. . .); trad. Milton da Silva Rodrigues. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1975.
- *Notes on Rio de Janeiro* (. . .). London, Printed for Samuel Leigh, 1820.
- MACEDO, Joaquim Manuel. *A Luneta Mágica*. São Paulo, Editora Três, 1972.
- MALHEIRO, Perdígão. *A escravidão no Brasil* (. . .). 3ª ed. Petrópolis, Editora Vozes; Brasília, I.N.L., 1976. 2v.
- MAWE, John. *Travels in the interior of Brazil* (. . .). London, printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1822.
- *Viagens ao interior do Brasil*; trad. de Selena Benevides Vianna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1978.
- MENDEL, Gérard. *Pour décoloniser l'enfant* (. . .). Paris, Payot, 1971, (Petite Bibliothèque Payot, 188).
- PEIFFER, Ida. *Voyage d'une femme autour du monde*; trad. M. W. de Suckan. 3ª ed. Paris, Libraire de L. Hachette, 1865.
- PONTOPIDAN, D. *Viagem a América do Sul* (. . .); trad. Guttorm Hansen, s.d., datilogr. (Col. Particular de Paulo Berger).
- RUGENDAS, Johann Morits. *Viagem pitoresca através do Brasil* (. . .); trad. Sérgio Milliet. 7ª ed. São Paulo, Livraria Martins Editora; Brasília, I.N.L., 1976.
- SAINT-HILAIRE, Auguste. *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*; trad. Leonam de Azevedo Penna. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1974.
- SCHLICHTHORST, Carl. *O Rio de Janeiro como é* (. . .); trad. Emmy Doat e Gustavo Barroso. Rio, Livraria-Editora Zélio Valverde, 1943.
- SOARES, Antonio Macedo. *Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa* (. . .). (1875-1888), Rio de Janeiro, INL/MEC, 1955. 2v.
- YVAN, Melchior. *Voyages et Récits*. Bruxelles; Meline, Cans et Cie, Libraires-Éditeurs, 1853.
- WALSH, R. *Notices of Brazil* (. . .). London, Frederick Westley and A.H. Davis, 1830. 2v.